



ARTIGOS - ARTICLES

Ciência e fé em debate: diálogo possível?

Josué Bertolin
Mestre em História Social – FFLCH/USP
josuebertolin@gmail.com

Resumo: Ciência e religião são dois importantes fundamentos da sociedade humana. No entanto, no senso comum tem-se a ideia subjacente de um conflito irreconciliável instalado entre razão e fé. É notada, por vezes, uma abordagem reducionista do assunto, e, assim, perpetuam-se imagens prejudiciais ao progresso desses campos do saber. Esse artigo vem discutir a relação entre ciência e fé sob uma perspectiva histórica. Busca-se compreender a possibilidade de haver intercâmbio de conhecimento entre ambas e quais modelos têm sido propostos. Algumas contribuições brasileiras para a possível interação construtiva entre as áreas do saber também são analisadas.

Palavras-chave: ciência, religião, progresso.

Science and Faith in Debate: Is Dialogue possible?

Abstract: Science and religion are two important pillars of society. However, in common sense there has been the underlying idea of an irreconcilable conflict between reason and faith. Sometimes a reductionist approach to the subject is noticed, and thereby harmful images are perpetuated to the progress of these fields of knowledge. This article discusses the relationship between science and faith from a historical perspective. It seeks to understand the possibility of a more productive exchange between science and religion and which models have been proposed. Some Brazilian contributions towards a possible constructive interaction between the areas of knowledge are also analyzed.

Keywords: science, religion, progress.

1. Considerações iniciais

Por mais difundida que esteja a ideia de que ciência e religião vivem em constante guerra, a questão é muito mais complexa do que expressa em uma leitura reducionista, que, em

grande parte, foi criada com interesses e motivações ausentes de bases reais diante de um estudo histórico mais cuidadoso e pormenorizado. Alimentar a perspectiva de conflito pode representar audiência para veículos de comunicação, e a sua propagação, explícita ou velada, acaba por criar raízes no imaginário popular, consolidando mitos em forma de verdades absolutas. Todavia, por trás desse véu há um campo intrincado e multifacetado de interações.

Na introdução de seu livro *Science and Religion — Some Historical Perspectives*, o historiador da ciência John Hedley Brooke destaca como a ciência e a religião contribuíram, de maneira articulada, para a formação dos valores da sociedade ocidental, tendo esses campos do saber humano, segundo ele, “desempenhado um papel preponderante e deixado uma impressão duradoura”¹. Sobre a interação de ambas e as causas dos supostos embates, ele ainda aponta:

The real lesson turns out to be the complexity. Members of Christian churches have not all been obscurantists; many scientists of stature have professed a religious faith, even if their theology was sometimes suspect. Conflicts allegedly between science and religion may turn out to be between rival scientific interests, or conversely between rival theological factions. Issues of political power, social prestige, and intellectual authority have repeatedly been at stake².

Ele ainda propõe a seguinte classificação no estudo da relação entre essas esferas do conhecimento³: (1) o conflito irreconciliável; (2) relação complementar, mas com objetos de estudo distintos; e (3) um relacionamento mais íntimo e um intercâmbio vantajoso para ambas. O teólogo e historiador Claude Welch⁴ trabalhou três tipos de reações da religião em relação à ciência do século XIX: (1) oposição; (2) mediação cautelosa ou acomodação; e (3) exaltação à evolução ou assimilação. O físico Ian Barbour⁵ (1923-2013) também apresentou um modelo de classificação; no entanto, ele utiliza quatro categorias: (1) conflito — considera a oposição entre o materialismo científico e o literalismo bíblico; (2) independência — os contrastes de linguagem e método distanciam ciência e religião; (3) diálogo — envolve questões de fronteiras e paralelos metodológicos; e (4) integração — a partir da teologia natural, teologia da natureza e síntese sistemática.

Ainda que existam variações, percebe-se que os modelos, em geral, carregam princípios similares na forma de enxergar o convívio entre ciência e fé. O intuito deste artigo é olhar para a complexa teia de interações entre ambas, sob a perspectiva histórica de “um relacionamento mais íntimo e um intercâmbio vantajoso para ambas”. Isso se diferencia de uma proposta de

¹ BROOKE, John Hedley. *Science and Religion: Some Historical Perspectives*. Cambridge University Press, 15ª edição, 2006, p. 1.

² Tradução livre: A verdadeira lição acaba por ser a complexidade. Nem todos os membros de igrejas cristãs têm sido obscurantistas; muitos cientistas de grande competência professaram algum tipo de fé religiosa, mesmo que a sua teologia tenha sido, por vezes, suspeita. Conflitos supostamente entre ciência e religião podem vir a ser entre interesses científicos rivais, ou, pelo contrário, entre facções teológicas rivais. Questões de poder político, prestígio social e autoridade intelectual têm estado repetidamente em jogo. (Ibidem, p. 5.)

³ Ibidem, pp. 1-5.

⁴ PETERS, Ted & BENNETT, Gaymon (orgs.). *Construindo pontes entre a Ciência e a Religião*. São Paulo: Edições Loyola: Editora UNESP, 2003, p. 61.

⁵ BARBOUR, Ian. *Religion and Science*. New York: HarperOne, 1997, pp. 77-105.

integração das áreas, pois parece bastante razoável a independência no modo de atuação de ciência e de religião, cada uma com seus objetivos específicos e metodologias de trabalho próprias. Ao notar que ambas perseguem explicações sobre a realidade, usando suas lentes características, historicamente há evidências de uma se beneficiar e contribuir com a outra, progredindo a partir da possibilidade de compartilhar conhecimentos.

2. Stephen Jay Gould e os magistérios não interferentes

É importante apresentar, nesse sentido, a contribuição do pensamento do biólogo evolucionista Stephen Jay Gould (1941-2002), registrado em seu livro *Os pilares do tempo: ciência e religião na plenitude da vida* (2002). Nessa breve obra, ele apresenta o “Princípio dos MNI”, ou dos “magistérios não interferentes”, como saída para o que ele denomina “falso conflito entre ciência e religião”⁶. O que ele propõe, logo no preâmbulo, é deixar claros os limites ou as fronteiras de atuação e a autonomia de cada área, a fim de que não se fundam em uma coisa só, pois são assuntos diferentes e igualmente vitais — daí ele os classifica como “os dois pilares do tempo”. Ele afirma: “não vejo como a ciência e a religião podem ser unificadas, ou mesmo sintetizadas, sob qualquer esquema comum de explicação ou análise; mas tampouco entendo por que as duas experiências devem ser conflitantes”⁷.

Quando ele caracteriza o conflito como “falso”, não parece, com isso, negar o atrito historicamente registrado, mas se refere à desnecessidade de ele existir. Para ele, não haveria motivação legítima se existisse entre os campos um respeito mútuo, o que exigiria compreensão recíproca⁸. Ele próprio afirma vivenciar um profundo respeito pela religião, o que pode parecer incomum, visto que ele é um agnóstico no sentido empregado por T. H. Huxley⁹ (1825-1895), cujas ideias, junto à experiência pessoal de Charles Darwin (1809-1882), são utilizadas por Gould na explanação de sua tese.

O autor explica, a fim de ponderar sobre a independência entre ciência e religião, que “cada área de investigação emoldura suas próprias regras e suas próprias questões admissíveis, estabelecendo critérios próprios para o julgamento e a solução”¹⁰. E isso preserva a autonomia das esferas do conhecimento, permitindo que deliberem sobre as questões que estejam sob sua competência: “Esses padrões aceitos, e os procedimentos desenvolvidos para debater e resolver questões legítimas, definem o magistério — ou a autoridade de ensino — de qualquer objeto”¹¹. Mais adiante, sintetiza:

⁶ GOULD, Stephen Jay. *Pilares do tempo: ciência e religião na plenitude da vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 13.

⁷ *Ibidem*, p. 12.

⁸ *Ibidem*, p. 28.

⁹ O agnosticismo, termo criado por Huxley, identifica “um ceticismo tolerante como a única posição racional porque, na verdade, não há como saber ao certo” (*Ibidem*, p. 15).

¹⁰ *Ibidem*, p. 48.

¹¹ *Idem*.

Fiz duas observações preliminares ao estabelecer minha concepção da correta relação entre a ciência e a religião como MNI, ou magistérios não-interferentes: primeiro, essas duas áreas têm um status igualmente válido e necessário para qualquer vida humana completa; segundo, elas são logicamente distintas e inteiramente separadas em seus estilos de investigação, não importa quanto e quão estreitamente devamos integrar as noções dos dois magistérios para construir a visão rica e completa da vida chamada tradicionalmente sabedoria¹².

A integração citada por Gould deve evitar um irenismo errôneo, isto é, duas propostas que levam à suposta paz entre as áreas, contudo por caminhos equivocados.

Os MNI defendem um status independente para a ciência e a religião — considerando cada qual uma instituição distinta, uma verdadeira pedra fundamental de todas as épocas, que oferece uma contribuição vital para a compreensão humana. Mas os MNI rejeitam dois caminhos do irenismo que se apresentam de ambos os lados de sua própria busca decidida e insistente de um diálogo proveitoso — a união sem lógica falsa do sincretismo e a proposta perversa do “politicamente correto” de que a paz estará mais bem garantida pela solução dos “três macaquinhos” de cobrir os olhos, as orelhas e a boca¹³.

Com base na sua perspectiva dos MNI, o autor declara-se um irenista na alma, pois deseja ver ciência e religião coexistindo em paz, contanto que tenham condições plenas de se desenvolverem e apresentarem seus estudos e análises sobre as questões do mundo e da vida, visando à construção de uma ampla sabedoria sobre as coisas. O modelo de Gould estabelece funções e papéis específicos para cada campo do saber, mas não defende a separação total, nem nega a influência entre eles, o que historicamente tem ocorrido. Ainda que em âmbitos distintos, não há isolamento. Fica evidente, no decorrer das páginas, que no conceito dos ministérios não interferentes há espaço para intercâmbio e diálogo, como expõe Gould:

Defendo o fato de que essa não-interferência só se completa no importante sentido lógico de que os padrões para questões legítimas, e os critérios para sua resolução, forcem os magistérios a se separar segundo um modelo de imiscibilidade — o óleo e a água de uma imagem metafórica habitual. No entanto, mais uma vez, assim com as camadas de óleo e água, o contato entre os magistérios não poderia ser mais íntimo e evidente em cada micrometro quadrado (em todas as instâncias, para usar uma imagem do outro magistério) de contato. A ciência e a religião não rosnam uma para a outra de molduras separadas em paredes opostas do Museu de Artes Mentais. A ciência e a religião se tocam de maneira complexa em todas as escalas fractais de similaridade¹⁴.

¹² Ibidem, p. 52.

¹³ Ibidem, p. 173.

¹⁴ Ibidem, p. 57.

Fica claro que religião é religião e ciência é ciência. Em decorrência disso, alguém pode argumentar, então, que uma não precisa da outra para desempenhar sua função. Em grande medida, isso é verossímil, mas o que será que se perderia caso não se tentasse uma harmonia e cooperação mútua entre elas, sendo que elas se relacionam “de maneira complexa em todas as escalas fractais de similaridade”? Se não houver um olhar para conhecimentos além-fronteiras, ambas poderão carecer de importantes elementos para seus ofícios. A ciência pode contribuir para que religião compreenda aspectos da realidade, e isso a influenciaria no desenvolvimento, por exemplo, da sua doutrina. A religião pode oferecer para a ciência uma visão de mundo que possibilite progresso no modo de investigação da realidade. A perda gerada pela separação parece ser maior do que os benefícios do intercâmbio. Excluir conhecimento válido não se apresenta como uma postura adequada nem para uma, nem para a outra.

Os MNI não buscam uma falsa fusão, mas encorajam dois lados distintos a permanecerem em seu próprio terreno, desenvolverem as melhores soluções possíveis para partes distintas da totalidade da vida e, sobretudo, continuarem a se falar com respeito mútuo e com uma visão otimista sobre o valor da iluminação recíproca. Em outras palavras, citando o aforismo de Churchill, para “conversar em vez de lutar”¹⁵.

A “iluminação recíproca” evidenciada por Gould denota que, mesmo delimitando o perímetro de atuação, seria ingênuo esperar que ciência e religião ficassem ilhadas, sem interação nem intercâmbio, ainda mais em assuntos que tangem aos dois conjuntos.

O diálogo será por vezes acalorado e incisivo; os participantes ficarão exaltados, uma consequência abençoada de nossa inegável natureza humana; mas o respeito pelas diferenças legítimas, e um reconhecimento de que respostas completas exigem contribuições distintas de ambos os lados, deveria manter acesos o interesse, a estima e o debate produtivo¹⁶.

3. Ferramentas para a construção de pontes

No contexto de debates contemporâneos, o pesquisador Gaymon Bennett organizou, com Ted Peters, uma coletânea de estudos intitulada *Construindo pontes entre a ciência e a religião* (2003), para demonstrar como as pesquisas elaboradas por eles a respeito de uma interação positiva possível vêm crescendo e tomando corpo. Bennett explica:

Eis a tese, o princípio organizador elaborado nas páginas reunidas deste livro: diante da realidade de um mundo global, estudiosos de contextos religiosos, culturais, científicos e geográficos amplamente diversos estão se ocupando da tarefa comum de construir pontes de diálogo de mão dupla entre ciência e religião; essa ocupação comum justifica e requer a troca mútua de recursos para a

¹⁵ Ibidem, p. 165.

¹⁶ Idem.

construção de pontes — projetos, processos, materiais e ferramentas. Os ensaios neste livro foram reunidos para facilitar essa troca, capacitando professores e alunos a construir e transpor novas pontes entre a ciência e a religião¹⁷.

Na visão desses autores, para compreender o fenômeno é necessário partir do pressuposto de que se trata de um diálogo global, multi e interdisciplinar. Do termo “global”, nesse contexto, infere-se que ciência e religião têm influência na vida, nas preocupações e no bem-estar das pessoas e das instituições em todo o mundo. Segundo Bennett, “a ciência e a religião são onipresentes na sociedade humana; elas permeiam a existência humana e se interpenetram”¹⁸. Por meio da interação histórico-cultural entre elas é que se produziram as bases intelectuais para moldar as lentes que permitem ao ser humano enxergar a realidade humana e não humana e desvendá-la em busca de conhecer mais e, assim, atuar melhor na natureza, alcançando maior grau de sobrevivência em consequência disso.

Por que é importante reconhecer, ou mesmo enfatizar, que o diálogo entre a ciência e a religião é de caráter global? Simplesmente, o diálogo não é um interesse culturalmente idiossincrático. Se fosse, os estudiosos de vários contextos não precisariam levar a sério o trabalho e os *insights* dos outros. As tradições religiosas e culturais devem enfrentar o fato da globalização. Devem enfrentar o fato de que a ciência e a tecnologia serão inevitavelmente um componente desse encontro. A ciência e a religião coabitam um único mundo global. Como a coabitação é possibilitada, se não forçada, pela inter-relação global de instituições e povos, a tarefa de articular a relação ciência-religião não pode ser simplesmente uma questão de interesse local. Um empreendimento de amplitude global requer os esforços concertados de estudiosos de todo o mundo¹⁹.

Ainda que o autor destaque o caráter global da relação ciência-fé, em contrapartida também apresenta o argumento de que não faltam os interesses contextuais nesse assunto. Ele afirma que é o contexto que molda, no fim, a forma como ocorre o diálogo entre ambas.

A maneira como constroem pontes entre a ciência e a religião é determinada em boa parte pela maneira como respondemos à questão: por que, afinal, construir pontes? Cientistas, teólogos, historiadores, éticistas e filósofos individuais muitas vezes podem responder a essa pergunta de maneira diferente. E, ainda que reconhecendo a relevância das respostas dos outros, o resultado prático é que eles constroem pontes por razões diferentes. Como constroem pontes por razões diferentes, constroem pontes de maneira diferentes. As pontes têm o objetivo de transpor diferentes tipos de divisão cultural, intelectual, política, forçando os estudiosos a enfrentar terreno cultural diverso. Em resumo, as ferramentas, as

¹⁷ PETERS; BENNETT, op. cit. p. 28.

¹⁸ Ibidem, p. 31.

¹⁹ Ibidem, p. 34.

técnicas e os materiais adequados para alguns estudiosos empenhados em um projeto de construção de pontes não são sempre os adequados para outros²⁰.

Para cumprir o objetivo de promover uma interação construtiva entre ciência e religião, que tenha por base um exame rigoroso, uma crítica mútua e um compartilhamento criativo de ideias, a fim de que haja uma contribuição com as preocupações internas de cada uma, Bennett e Peters²¹ propõem um modelo específico de cooperação: a consonância hipotética. Eles explicam o uso do termo “consonância”, afirmando que a palavra sugere que “há áreas de correspondência, ligação ou relevância entre as compreensões da natureza como concebidas pelas ciências naturais e como desenvolvidas pelos discernimentos de várias tradições”. E, ainda que haja tal conexão entre os campos, existem muitos pontos dissonantes. Por isso, a consonância deve ser concebida de forma “provisória”, funcionando como uma hipótese. Daí a expressão “consonância hipotética”.

A consonância hipotética começa com a suposição de que a ciência e a religião estão tentando entender uma única realidade — ainda que complexa ou multifacetada. [...] embora seus métodos e rotas possam variar, não devíamos esperar que, no fim, elas seriam companheiras de viagem valiosas? Ao se comprometerem com a consonância hipotética, tanto a ciência como a religião estão assumindo riscos. A religião concorda em sujeitar seus pressupostos à investigação científica e a supor que uma descrição científica do mundo natural poderia ser proveitosa para o discernimento religioso. A ciência concorda em sujeitar seus pressupostos ao exame religioso e a supor que os discernimentos religiosos a respeito da natureza da realidade poderiam revelar-se cientificamente proveitosos²².

Os autores elucidam que os riscos em questão estão acompanhados de uma rede de segurança intelectual:

Ao elevar pressupostos ao nível de hipóteses, a ciência e a religião podem engajar-se em programas de pesquisa comuns, confirmar e refutar afirmações em conjunto. A consonância hipotética é uma disposição para o diálogo. Mais especificamente, é um compromisso com a proficuidade do diálogo. É essa disposição, esse compromisso, que, no fim, torna atraente a consonância hipotética²³.

A fim de explorarem os desafios metodológicos da interação entre ciência e fé, os autores Robert John Russell e Kirk Wegter-McNelly, no capítulo que escrevem para o já citado livro *Construindo pontes entre a ciência e a religião*, debatem a respeito do “realismo crítico” proposto por Ian Barbour, uma doutrina adequada, segundo a filósofa e teóloga norte-americana Nancy

²⁰ Ibidem, p. 37.

²¹ Ibidem, p. 39.

²² Ibidem, pp. 39-40.

²³ Ibidem, p. 40.

Murphy, apenas a uma visão de mundo moderno²⁴. Ainda que existam críticas a esse modelo, Russell e Wegter-McNelly afirmam que ele forneceu a “ponte” crucial entre os campos do saber, “tornando possível o diálogo real e a crescente integração entre teologia e ciência”²⁵.

O que é o “realismo crítico”? Essa estrutura desenvolve-se a partir de argumentos nas perspectivas epistemológicas, de linguagem e metodológicas. Trata-se de uma alternativa às três visões predominantes da ciência, a saber: (1) o realismo clássico, em que as teorias científicas são uma fotografia do mundo; (2) o instrumentalismo, para a qual as teorias científicas são apenas instrumentos de cálculo; e (3) o idealismo, que considera que as teorias científicas apreendem a realidade como algo mental ou ideacional. Já para o realismo crítico, “as teorias científicas são expressas por meio de ‘metáforas’”²⁶. Isto é, analogias abertas que não podem se reduzir a afirmações literais. “As metáforas, por sua vez, desenvolvem-se em modelos de ciência”²⁷.

O discernimento “construtor de pontes” crucial entre ciência e religião obtido por Barbour é [que] tanto ciência como a religião fazem enunciados cognitivos a respeito do mundo usando um método hipotético-dedutivo em uma estrutura contextualista e historicista. Ambas as comunidades organizam observação e experiência por meio de modelos analógicos, extensíveis, coerentes, simbólicos e expressos por meio de metáforas²⁸.

Mesmo que existam diferenças quanto ao tipo de dados encontrados em religião e em ciência, esse modelo forneceu um suporte para o trabalho de vários outros pesquisadores em matéria de conciliação dos campos e por um longo tempo esteve na vanguarda de uma ampla reflexão sobre como relacioná-los²⁹.

Ainda prosseguindo na análise do relacionamento construtivo entre ciência e religião, Robert Russell identificou oito formas de interação genuína entre elas. As cinco primeiras referem-se à influência científica sobre a teologia, e as três últimas são sobre a via contrária.

- 1) As teorias físicas podem atuar como dados que colocam restrições à teologia. Por exemplo, uma teologia da ação divina não deve violar a relatividade especial.
- 2) As teorias físicas podem atuar como dados a serem incorporados à teologia. Por exemplo, o início do tempo, ou $t = 0$, na cosmologia do *Big Bang* pode ser explicado por intermédio da criação *ex nihilo*; a explicação, porém, é parte da teologia e não da ciência.
- 3) As teorias da física, após a análise filosófica, podem atuar indiretamente sobre dados da teologia. Por exemplo, $t = 0$ pode ser interpretado filosoficamente como indício da contingência no universo do *Big Bang* e, portanto, sugerir a existência de Deus.
- 4) As teorias da física também podem atuar indiretamente como dados teológicos, quando incorporadas em uma filosofia da natureza plenamente articulada. Finalmente,
- 5) as teorias da física podem funcionar heurísticamente no contexto teológico da descoberta ao fornecerem inspiração conceitual, espe-

²⁴ Ibidem, p. 66.

²⁵ Ibidem, p. 57.

²⁶ Ibidem, p. 49.

²⁷ Ibidem, p. 50.

²⁸ Ibidem, p. 51.

²⁹ Ibidem, p. 52.

rimental, moral ou estética. [...] 6) A teologia forneceu pressupostos históricos essenciais que sustentam o desenvolvimento da ciência, como a contingência e a racionalidade da natureza. Tais pressupostos merecem avaliação renovada. 7) As teorias teológicas podem atuar como fontes de inspiração no “contexto de descoberta” científico. Um exemplo é a influência de ideias religiosas sobre os pioneiros da teoria quântica, entre eles Planck, Einstein, Bohr e Schrödinger. Finalmente, 8) as teorias teológicas podem oferecer critérios, juntamente com adequação, coerência, abrangência e fertilidade empíricas, para a escolha teórica na física³⁰.

A interação proposta por Russell parece abordar pontos que poderiam gerar conflitos, caso não harmonizados. Em vários contextos históricos, percebe-se algumas situações em que houve a influência da ciência e de seus conceitos sobre pensamentos e doutrinas religiosas, bem como a influência da religião e seus aspectos teológicos sobre o desenvolvimento científico, dentro dos parâmetros apontados por Russell. Na lista dele, evidenciam-se formas objetivas de identificar e estabelecer interações. Com isso, reforça-se a noção de que, por mais que sejam campos distintos, não atuam isolados, todavia, podem contribuir construtivamente um com o outro.

Das oito proposições apresentadas, três chamam a atenção por se concentrarem sobre o indivíduo religioso ou científico; trata-se dos itens 5, 7 e 8 — os demais aludem às estruturas de produção do conhecimento. Pelas múltiplas possibilidades apontadas por Bennett na construção de pontes, é válido recorrer a um exemplo de personagem que tem seu lugar na história da ciência mais contemporânea, que propôs formas de promover uma interação benéfica entre ciência e religião, a partir de suas crenças pessoais, tanto com relação à ciência, quanto referente à religião. Assim, buscaremos analisar como lidou com o sentimento de religiosidade e o que publicou a respeito do possível intercâmbio, a começar pela maneira com que pessoalmente se harmonizou diante de ambas as frentes. Com isso, poderá ser possível também notar como a religião colaborou em suas ações no campo científico, e como sua mente científica interpretou o papel da religião. Conheceremos um pouco do pensamento de Francis Collins e suas disposições para o diálogo entre ciência e fé.

4. Francis Collins e a “linguagem de Deus”

O geneticista norte-americano Francis Collins foi diretor do Projeto Genoma Humano — cujos esforços culminaram no mapeamento do DNA humano, em 2001. Suas perspectivas a respeito do papel da religião para a ciência, em especial sua visão sobre Deus, estão registradas no livro *A linguagem de Deus*, lançado em 2006, ao qual recorreremos para esta análise.

Collins narra sua trajetória até seu encontro com Deus e os desdobramentos dessa descoberta (ou aceitação) na sua vida científica. O geneticista revela que a fé não tinha relevância

³⁰ Ibidem, p. 62.

nos primeiros anos de sua vida. Ele cresceu numa fazenda no vale do rio Shenandoah, no Estado de Virgínia, na região sudeste dos Estados Unidos. Seus pais eram dois acadêmicos; ele, caçula de quatro irmãos, diz-se filho de pessoas com opiniões próprias, que lhe deram uma criação moderna em termos de fé: “Eu tinha uma vaga consciência do conceito de Deus, mas minhas interações com Ele limitavam-se a momentos infantis e ocasionais de troca, com relação a alguma coisa que Ele fizesse por mim”³¹. Ao participar do coral de meninos da igreja episcopal, com 5 anos, foi instruído pelos pais a não levar a sério os conceitos teológicos apresentados, mas, sim, aprender sobre música. Aos 14 anos, apaixonou-se pela ciência por causa de um professor carismático de química, e aos 16 anos ingressou na Universidade da Virgínia, decidido a estudar essa matéria e seguir carreira acadêmica. Lá, ao ser confrontado com ideias a favor e contra Deus, não tendo uma base de religiosidade desenvolvida, concluiu que a religião não possuía uma verdade com fundamentos, e tornou-se agnóstico. Collins analisa que a postura do “não sei” em face de tais temas era confortável em sua adolescência, por se traduzir em “não quero saber”. Assim, não precisava prestar contas de seus atos a uma autoridade espiritual.

Quando ingressou no programa de doutorado em físico-química da Universidade de Yale, convenceu-se de que tudo no universo poderia ser compreendido por meio de equações e princípios da física. Com isso, foi passando de agnóstico para ateu, desafiando, com naturalidade, as crenças espirituais e as visões sobre a existência de um Criador, classificando tais posicionamentos como sentimentalismos ou superstições ultrapassadas. Após dois anos cursando o doutorado, Collins começou a questionar-se sobre a carreira que havia escolhido na mecânica quântica. Foi nesse período que se inscreveu no curso de bioquímica e passou a considerar interessante o campo da genética, por sua ligação com a matemática.

Aos 22 anos, já estava casado e com uma filha, o que ele avaliou como importante para torná-lo mais sociável: “A interação humana e o desejo de contribuir com algo para a humanidade pareciam mais importantes”³². Isso o fez também colocar em xeque o percurso profissional que estava trilhando. Ao final de seu doutorado, então, decidiu inscrever-se na faculdade de medicina, sendo aceito na Universidade da Carolina do Norte. Percebeu que havia finalmente encontrado o lugar certo: “Adorava o estímulo intelectual, os desafios éticos, o elemento humano e a incrível complexidade de seu organismo”³³.

Dois fatores marcariam a vida de Collins a partir dessa decisão, em 1973: o contato com a genética médica e as experiências no atendimento a pacientes. Sobre esse último aspecto, o geneticista comenta:

O que deixou marcas profundas em mim, após minhas conversas ao pé da cama com aquelas pessoas de boa índole da Carolina do Norte, foi o aspecto espiritual delas. Presenciei vários casos de indivíduos cuja fé lhes supria com uma reafirmação da crença sólida, de paz definitiva, fosse neste mundo ou no outro, apesar do sofrimento terrível que lhes era infligido, o qual, na maioria das ocasiões, não haviam feito nada para causar. Se a fé era uma muleta

³¹ COLLINS, Francis. *A linguagem de Deus*. São Paulo: Gente, 2007, pp. 21-22.

³² *Ibidem*, p. 25.

³³ *Ibidem*, p. 26.

psicológica, concluí, devia ser bastante poderosa. Se não passava do verniz de uma tradição cultural, por que motivo aquelas pessoas não sacudiam seus punhos fechados para Deus, exigindo que seus amigos e parentes parassem com toda aquela conversa sobre um poder sobrenatural de amor e benevolência?³⁴

Quando tinha 26 anos, uma pergunta feita por uma paciente fez com que Collins revisasse as suas crenças espirituais. Era uma senhora que sofria por causa de uma angina grave e incurável, e ela perguntou em que ele acreditava. Sua resposta foi: “Não sei bem ao certo”, deixando-o assombrado por vários dias com a forma com que se expressou, por colocar em dúvida a solidez do seu ateísmo. A partir disso, decidiu examinar a fé sob um aspecto rigorosamente racional, pensando que, assim, pudesse negar os méritos de qualquer crença e reafirmar sua descrença. Todavia, não foi isso que ocorreu. Ao fazer a leitura do livro *Cristianismo Puro e Simples*, de C. S. Lewis (1898-1963), um professor universitário britânico, ex-ateu, que se tornou teólogo anglicano, reconheceu que “todos os meus argumentos contra a aceitação da fé eram dignos de um garoto em idade escolar”³⁵. Nessa obra, encontrou um argumento que muito lhe chamou a atenção e lhe fez sentido: o certo e o errado como pista para o sentido do universo. Tratava-se da lei moral, que também pode ser chamada de lei do comportamento correto, que possui um desdobramento na existência de um impulso altruísta no ser humano, que Collins define como “a voz da consciência nos chamando a ajudar os outros, mesmo sem receber nada em troca”³⁶ — um dos mais importantes desafios aos evolucionistas, segundo o autor, pois contraria o impulso de os genes egoístas de um indivíduo se perpetuarem³⁷.

Esse conceito da lei moral fez com que Collins refletisse sobre a natureza de Deus. O pensamento de Lewis transcrito abaixo provocou nele várias análises nesse sentido:

Se houve um poder controlador fora do universo, este não poderia apresentar-se a nós como um dos fatos que fazem parte do universo — assim como o arquiteto de uma casa não é, de fato, uma das paredes, ou a escada, ou a lareira dessa casa. A única maneira pela qual podemos esperar que ele se mostre é dentro de nós, como uma influência ou um comando tentando fazer com que nos comportemos de determinado modo. E é isso que encontramos dentro de nós. Sem dúvida, isso não deveria levantar suspeitas?³⁸

³⁴ Ibidem, pp. 27-28.

³⁵ Ibidem, p. 29.

³⁶ Ibidem, p. 33.

³⁷ No conceito de moralidade para o filósofo Immanuel Kant (1724-1804), a lei moral ocupa posição central, e, para ele, deveria pautar a conduta humana. Trata-se, em suma, de um imperativo categórico universal que se expressa num senso de obrigação implícito ao indivíduo, levando-o a tomar decisões em benefício da coletividade, a despeito de sua vontade pessoal. Na conclusão de sua *Crítica à razão prática*, Kant registrou o seguinte pensamento, que foi esculpido na lápide dele: “Two things fill the mind with ever new and increasing admiration and awe, the oftener and the more steadily we reflect on them: the starry heavens above and the moral law within”. [Tradução livre: Duas coisas enchem meu ânimo de crescente admiração e respeito, veneração sempre renovada quanto com mais frequência e aplicação delas se ocupa a reflexão: por sobre mim o céu estrelado; em mim a lei moral.] (KANT, Immanuel. *Kant's Critique of Practical Reason and other works on The Theory of Ethics*. London, New York, Bombay: Longmans, Green, and Co., 1909, p. 260).

³⁸ LEWIS, 1952 apud COLLINS, op. cit., p. 37.

O geneticista norte-americano narra que, aos 26 anos de idade, ao se deparar com esse texto, ficou aturdido com sua lógica:

Aqui, oculta em meu coração, tão familiar quanto qualquer coisa na experiência do dia-a-dia, mas agora surgindo na forma de um princípio esclarecedor, essa Lei Moral brilhava com sua luz branca e forte nos recônditos de meu ateísmo infantil, e exigia uma séria consideração sobre sua origem. Estaria Deus olhando de novo para mim? (COLLINS, 2007, p. 37).

Então, para Collins, Deus assume a forma descrita pelos teístas, isto é, “um Deus que desejasse algum tipo de relacionamento com essas criaturas especiais denominadas seres humanos e, portanto, tivesse inculcado esse seu vislumbre especial em cada um de nós”³⁹. Com base na lei moral, Deus haveria de ser justo e sagrado; a personificação da bondade. A fé em um Criador, naquele momento, parecia para ele mais racional do que uma dúvida. Ele concluiu: “Se Deus existe, deve se encontrar fora do mundo natural, portanto, os instrumentos científicos não são as ferramentas certas para aprender sobre Ele. [...] e a decisão definitiva deveria se basear na fé, não em provas”⁴⁰.

Em 1989, Collins atuou em uma miserável aldeia de Eku, situada no delta do rio Níger, na costa litorânea ocidental da África. Ele narra que lá teve uma experiência significativa: em condições precárias de atendimento, pôde socorrer um jovem agricultor que havia acumulado uma grande quantidade de fluido no saco pericárdico (ao redor do coração), o que ameaçava paralisar sua circulação e levá-lo à morte. Sem as ferramentas de diagnóstico ou intervenção apropriadas à disposição, o médico introduziu uma agulha enorme pouco abaixo do osso esterno do rapaz, e sentiu um enorme alívio quando viu que não havia errado o alvo, pois retirou o sangue tuberculoso e salvou a vida daquele jovem. O diálogo entre paciente e médico, após o episódio, em que o agricultor diz a Collins que este havia ido à Nigéria por causa dele, provocou uma reflexão:

[...] ali, naquele lugar estranho, por apenas um instante, fiquei em harmonia com a vontade de Deus, ligado àquele jovem de uma forma improvável, embora maravilhosa.

Nada que aprendi com a ciência poderia explicar aquilo por que passei. Nenhuma explicação evolucionária para os comportamentos humanos poderia justificar o motivo pelo qual parecia tão certo, para aquele homem branco e privilegiado, ficar diante do leito daquele jovem agricultor africano, cada um deles recebendo algo excepcional. Era o que C. S. Lewis chama de ágape. Era o amor que não espera recompensas. Uma afronta ao materialismo e ao naturalismo. Era a mais doce alegria que qualquer pessoa poderia experimentar⁴¹.

³⁹ Ibidem, pp. 37-38.

⁴⁰ Ibidem, p. 38.

⁴¹ Ibidem, p. 221.

Esse fato e a fé que passou a professar fizeram Collins perceber mais profundamente que a lei moral se destaca “como a mais forte indicação de Deus”⁴². E ele vai além: “ela indica um Deus que se preocupa com os seres humanos, um Deus infinitamente bom e santo”⁴³. Portanto, sua percepção não é a de um Deus que preencha as lacunas deixadas pelo conhecimento que ainda não tenha sido alcançado pela ciência, visto que, posteriormente, esse mesmo Deus acabará por ser substituído por um saber que se expande a cada dia.

No relato de Collins, ele declarou que, ao acreditar em Deus, ele passou por um período tentando apreciar as características Dele, e elas, a princípio, levaram-no a uma abstração que considerou “terrível”. A forma como conseguiu estabelecer uma ponte entre ele e Deus foi por intermédio da crença em Jesus, que ele reconhece como o Filho de Deus. Ele afirma: “Em minha experiência pessoal, descobri que tinha muito a aprender e admirar em outras tradições espirituais, embora tenha descoberto que a revelação especial da natureza de Deus em Jesus Cristo é um componente fundamental de minha fé”⁴⁴.

Com base nessa perspectiva acerca de Deus, que resumidamente apresentamos, Collins buscou harmonizar seu ofício de cientista com suas crenças religiosas. Ele passou a não mais ver atrito entre os avanços no campo da cosmologia, evolução e genoma humano, e as visões espirituais. Por mais que a ciência seja a forma mais confiável de compreender o mundo da natureza, ela não consegue responder questões como “por que o universo existe?”; “qual o sentido a existência humana?”; e “o que acontece após a morte?”.

Em minha opinião, não há conflitos entre ser um cientista que age com severidade e uma pessoa que crê num Deus que tem interesse pessoal em cada um de nós. O domínio da ciência está em explorar a natureza. O domínio de Deus encontra-se no mundo espiritual, um campo que não é possível esquadrihar com os instrumentos e a linguagem da ciência; deve ser examinado com o coração, com a mente e com a alma — e a mente deve encontrar uma forma de abarcar ambos os campos.⁴⁵

Pelas áreas às quais esteve ligado durante sua carreira acadêmica (química, física e medicina), Collins não acredita que haja contradição entre sua crença em Deus e a teoria da evolução, nem acha que as evidências científicas sobre a evolução retirem da natureza o mistério divino, tampouco elimina a mão criativa e condutora de Deus. Ele afirma: “A evolução como mecanismo pode e deve ser real. No entanto, não nos diz nada acerca da natureza de seu criador. Para quem acredita em Deus, agora existem motivos para ter mais, e não menos, admiração”⁴⁶.

Seu próprio trabalho de cientista recebeu a influência de sua crença em Deus. Quando ele foi chamado para assumir o papel de diretor do Projeto Genoma Humano, recorreu às suas crenças para tomar a decisão de aceitar ou não aquele desafio que se apresentava. Ele questionava-se: “Como pessoa que acreditava em Deus, será que me via em um daqueles momentos em

⁴² Ibidem, p. 222.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Ibidem, p. 229.

⁴⁵ Ibidem, p. 14.

⁴⁶ Ibidem, pp. 113-114.

que, de algum modo, eu era chamado a assumir um papel maior em um projeto com profundas consequências para a compreensão de nós mesmos?⁴⁷. Ele imaginava que aquela poderia ser uma oportunidade de “ler o idioma de Deus, para determinar os detalhes íntimos do surgimento dos humanos”⁴⁷.

Então, ele narra o que ocorreu com ele em novembro de 1992, quando foi visitar a filha dele, na Carolina do Norte: passou a tarde fazendo orações em uma capelinha. Collins conta: “Não ‘ouvi’ Deus falando — na verdade, nunca tive essa experiência. Durante aquelas horas, porém, ao fim de uma cerimônia religiosa matinal, pela qual eu não esperava, uma paz se estabeleceu em mim. Poucos dias depois, aceitei a oferta”⁴⁸.

Após anos de árdua dedicação, finalmente em 2000 havia chegado o momento de dar ao mundo a notícia do mapeamento do genoma humano. No dia 26 de junho, na Casa Branca, o cientista não teve dúvidas sobre as palavras que utilizaria em tão importante ocasião, ajudando, até mesmo, no discurso do ex-presidente Bill Clinton, que assim se expressou: “Hoje, estamos aprendendo a linguagem com a qual Deus criou a vida. Ficamos ainda mais admirados pela complexidade, pela beleza e pela maravilha da dádiva mais divina e mais sagrada de Deus”⁴⁹. E Collins completou: “É um dia feliz para o mundo. Para mim não há pretensão nenhuma, e chego mesmo a ficar pasmo ao perceber que apanhamos o primeiro traçado de nosso manual de instruções, anteriormente conhecido apenas por Deus”⁵⁰. Sobre essa descoberta, o geneticista norte-americano também anotou:

Para mim, que acredito em Deus, a descoberta da sequência do genoma humano traz um significado adicional. Este livro foi escrito na linguagem do DNA, pela qual Deus se expressou para criar a vida. Experimentei uma sensação arrebatadora de admiração na pesquisa desde que é o mais importante de todos os textos biológicos. Sim, está escrito em uma linguagem que mal compreendemos, e levará décadas, se não séculos, para entendermos suas instruções; no entanto, atravessamos uma ponte de mão única rumo às profundezas de um novo território.⁵¹

Ainda que, para Collins, a questão de conciliar ciência e religião seja possível, ele reconhece que existem desafios para harmonizar as áreas. Ele narra que, certa vez, foi convidado para discursar no almoço anual de homens em uma igreja protestante muito respeitada. O ambiente estava bastante amistoso e calmo; havia um clima de diversão e boa vontade no recinto. Todavia, quando um integrante perguntou ao pastor mais velho se ele acreditava que a descrição encontrada na Gênese sobre as origens da Terra era literal, houve uma mudança súbita no salão, e a réplica veio com palavras escolhidas a dedo para evitar qualquer confronto. Alguns meses depois desse evento, Collins palestrou num encontro de médicos cristãos e, ao abordar as evidências científicas da evolução e a possibilidade, na visão dele, de ela ser um plano superior de

⁴⁷ Ibidem, p. 125.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Ibidem, p. 10.

⁵⁰ Ibidem, p. 11.

⁵¹ Ibidem, pp. 129-130.

Deus, a animação que havia no local deu lugar a um constrangimento, levando alguns participantes a saírem do lugar, com sinal de reprovação em suas faces. Ou seja, a harmonia entre os campos pode até ser visto como um ponto de concordância, mas quando se toca em temas nevrálgicos, o mal-estar parece ser instaurado.

Para Collins, “a ciência não é a única forma de aprender” e “a visão do mundo espiritual fornece outra maneira de encontrar a verdade”⁵². Como argumento, ele utiliza o fato de que os cientistas precisam levar em consideração as limitações de seus instrumentos de medição, que estão em constante aprimoramento. Às pessoas da ciência, ele faz o convite para buscar harmonia com o campo religioso, não fundamentando as avaliações sobre essa área em comportamentos que considerem falhos, todavia, sugere que o cientista “baseie-se nas verdades espirituais e atemporais que a fé representa”⁵³.

E ele também incentiva as pessoas que creem em Deus a acompanharem, sem temor, os avanços proporcionados pela ciência acerca do mundo natural: “Deus não pode ser ameaçado pela nossa mente minúscula e seus esforços por compreender a magnitude de Sua criação”⁵⁴. O geneticista também afirmou: “A ciência não é ameaçada por Deus; ela é aprimorada. Certamente Deus não é ameaçado pela ciência; Ele a possibilitou por completo”⁵⁵. Pelo fim dos fundamentalismos e atritos de ambos os lados, suas palavras finais expõem uma expectativa de conciliação:

Por isso, busquemos, juntos, recuperar os fundamentos sólidos de uma síntese satisfatória entre intelectualidade e espiritualidade de *todas* as grandes verdades. A terra natal da razão e da adoração nunca correu o risco de se esmigalhar. Nunca vai ocorrer. Ela acena para que todos os que buscam sinceramente a verdade venham e fixem residência. Atenda a esse chamado. Abandone a posição de luta. Nossas esperanças, alegrias e o futuro de nosso mundo dependem disso.⁵⁶

Diante da repercussão que seu livro teve, o dr. Collins fundou a BioLogos, a fim de debater questões da vida do ponto de vista científico e religioso. Em 2020, recebeu o prêmio Templeton, entregue desde 1972 pela Fundação John Templeton, que leva o nome do criador dessa instituição, que tem por objetivo reconhecer quem contribui para o “progresso da religião”, no dizer do sir Templeton (1912-2008), recompensando com um valor financeiro acima do prêmio Nobel os laureados que se utilizam do poder das ciências para explorar as questões profundas do universo, e ainda o lugar e o propósito do ser humano nele⁵⁷.

No seu discurso de aceite do prêmio, o dr. Collins analisou a situação do mundo envolto em polarizações, em especial os Estados Unidos, bem como os desafios diante da pandemia do novo coronavírus, ressaltando a importância da harmonia: “Ladies and gentlemen, we have a lot of dissonance in our current experience. We need to resolve that. We need more

⁵² Ibidem, p. 232.

⁵³ Ibidem, p. 235.

⁵⁴ Ibidem, p. 233.

⁵⁵ Ibidem, p. 237.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ ABOUT the Templeton Prize. Templeton Prize, 2021. Disponível em: <https://www.templeton-prize.org/templeton-prize-history/>. Acesso em: 28 mai. 2021.

harmony”⁵⁸. Além de buscar a aplicação disso para a sociedade, ele também enfatizou a necessidade de harmonizar ciência e religião:

So, the science/faith debate is an example of the opportunity for harmony, contrasted with the tendency of us humans to focus instead on conflict, and to choose sides and become polarized. [...] Here in the august surroundings of the National Academy of Sciences, let me exhort all of you, and myself also, to make a renewed effort to reach out beyond our own tribes. Let’s apply that to the science/faith debates, to the disagreements over the right response to COVID-19, to climate change, to the need to address the lingering racism in our nation, and especially to our political tensions. Reach out to listen, not to insult or denigrate. Seek the common ground of fairness and compassion. As Dr. Martin Luther King Jr. said, “Love is the only force capable of transforming an enemy into a friend.” Blessed are the depolarizers, for harmony can show us a better way.⁵⁹

5. Contribuições brasileiras para esse debate

A bibliografia disponível sobre o debate ciência e religião encontra-se predominantemente em língua inglesa e, quando em português, é, em sua maioria, composta de traduções de autores internacionais. Seria, portanto, oportuno analisar em pesquisas a contribuição brasileira para esse tema, por exemplo, olhando para a construção da identidade nacional, a formação histórico-cultural do Brasil, o desenvolvimento da ciência e as religiosidades e/ou espiritualidades que aqui criaram raízes.

Em síntese, podemos trazer algumas iniciativas nesse sentido. Em 1993, o professor dr. Geraldo José de Paiva, do Departamento de Psicologia da USP, defendeu sua tese de livre-doutorado, intitulada *Itinerários religiosos de acadêmicos: um enfoque psicológico*. Usando metodologia qualitativa com intuito de proceder com uma análise psicológica, entre maio de 1990 e outubro de 1991, ele entrevistou 26 acadêmicos da USP, escolhendo os candidatos a partir do grau mínimo de doutorado, sendo oito representantes das ciências humanas (história), dez das ciências exatas (física) e oito das ciências biológicas (biociências). O objetivo era conhecer o modo como tais pesquisadores relacionavam ciência e religião em suas vidas. O uso do termo “itinerários” no

⁵⁸ Tradução livre: Senhoras e senhores, temos muita dissonância em nossa atual experiência. Precisamos resolver isso. Precisamos de mais harmonia. (COLLINS, Francis. ACCEPTANCE Address by Dr. Francis S. Collins: “In Praise of Harmony”. Templeton Prize, 2021. Disponível em: <https://www.templetonprize.org/laureate-sub/address-by-dr-francis-s-collins/>. Acesso em: 28 mai. 2021.)

⁵⁹ Tradução livre: Portanto, o debate ciência/fé é um exemplo da oportunidade para a harmonia, em contraste com a tendência de nós, humanos, de nos concentrarmos no conflito e de escolher lados e nos tornarmos polarizados. [...] Aqui nos arredores augustos da Academia Nacional de Ciências, deixe-me exortar a todos vocês, e a mim também, a fazer um esforço renovado para ir além de nossas próprias tribos. Vamos aplicar isso aos debates ciência/fé, às divergências sobre a resposta certa à Covid-19, às mudanças climáticas, à necessidade de abordar o racismo persistente em nossa nação e, especialmente, às nossas tensões políticas. Estenda a mão para ouvir, não para insultar ou denegrir. Procure o terreno comum da justiça e da compaixão. Como disse o Dr. Martin Luther King Jr., “o Amor é a única força capaz de transformar um inimigo em amigo”. Bem-aventurados os despolarizadores, pois a harmonia pode nos mostrar um caminho melhor. (Idem.)

título indica que esse processo contempla encontros e desencontros de um cientista com a religião. Nas suas conclusões, Geraldo José registrou que, objetivamente, nenhum dos entrevistados da física e das biociências emitiu qualquer frase de incompatibilidade entre ciência e religião. Na área de história, subjetivamente todos os entrevistados declararam a possibilidade, ou o fato, da coexistência de ciência e religião na vida do cientista. No entanto, para os acadêmicos dessa última área, objetivamente a compatibilidade entre ciência e religião é, por vezes, negada ou posta em dúvida⁶⁰. O professor Geraldo ainda ressalta que os entrevistados tinham a tradição judaico-cristã como um pano de fundo comum nas suas formações identitárias. E essa intermediação feita por essa tradição dos indivíduos com a ideia do sagrado e da divindade influencia nas respostas e nas análises das respostas.

O laboratório InterPsi, do Instituto de Psicologia da USP, com o qual o professor Geraldo ainda tem contribuído, é coordenado pelo prof. dr. Wellington Zangaria e pela profa. dra. Fátima Machado, e está desenvolvendo pesquisa semelhante, porém em escala maior, que deve ter seus resultados publicados ao longo de 2021.

Alguns movimentos religiosos e sociais brasileiros apresentam suas proposições para a promoção do intercâmbio de conhecimentos entre ciência e fé. Podemos mencionar, por exemplo, a atuação no Brasil da *Christian Science*, fundada por Mary Baker Eddy (1821-1910), no século XIX, visando principalmente conciliar conhecimentos científicos e bíblicos na promoção de saúde e de cura. Apresenta-se como uma religião cristã, mas também como ciência, “porque compreende a Deus como sendo o Amor imutável — o Princípio infinito que é constante, universal, inclusivo, eterno, o único poder verdadeiro e fonte de todo o bem. Ela explica as leis espirituais do Amor que capacitaram Jesus a curar a doença e o pecado”⁶¹.

Encontramos também o trabalho da Associação Brasileira de Cientistas Cristãos (ABC²), uma iniciativa da Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares (AKET) com o apoio da *Templeton World Charity Foundation* (TWCF). Tanto a ABC², quanto a AKET foram fundadas pelo teólogo e pastor evangélico reformado Guilherme de Carvalho. Tem por objetivo promover a comunicação e a integração entre a comunidade cristã e o campo científico no Brasil. A ABC² vem realizando eventos, cursos e produzindo conteúdos disponíveis na internet, por meio de *sites*⁶², *podcast*, canal no *YouTube*⁶³, entre outros meios.

Citamos ainda a Legião da Boa Vontade (LBV), uma associação civil, beneficente e filantrópica, fundada por Alziro Zarur (1914-1979), em 1º de janeiro de 1950, sendo atualmente presidida por seu sucessor, José de Paiva Netto. Além do trabalho socioassistencial e educacional, na década de 1940, ainda antes de sua fundação oficial, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1949, Zarur conduziu, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), da qual era

⁶⁰ PAIVA, Geraldo José de. *Itinerários religiosos de acadêmicos: um enfoque psicológico*. Tese de livre-docência – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1993, pp. 145-163.

⁶¹ O QUE ela acredita e ensina. *Ciência Cristã*, 2021. Disponível em: <https://www.christianscience.com/pt/o-que-e-a-ciencia-crista/o-que-ela-acredita-e-ensina>. Acesso em: 28 mai. 2021.

⁶² Disponível em: <http://www.cristaosnaciencia.org.br>.

⁶³ Disponível em: <http://youtube.com/associaçãobrasileiradecristãosnaciencia>.

filiação, reuniões preparatórias para o movimento que lançaria em 7 de janeiro de 1950, no mesmo local, denominado “Cruzada de Religiões Irmanadas”. Veículos da imprensa, na época, registraram esse fato, a exemplo do jornal *O Globo*, que publicou dois editoriais, um em 13 de janeiro de 1950 e outro em 26 de janeiro de 1950. Nesse segundo, constante da página 2 do primeiro caderno, o jornal divulgou:

Justamente o denominador comum do amor ao próximo, da vontade de amparar o semelhante, do desejo de reunir forças para fazer o bem, permitiu que, na sessão de posse dos diretores e conselheiros da Legião da Boa Vontade, usassem da palavra um católico, um protestante, um esotérico, um espírita, um livre-pensador, um israelita e um positivista. [...]

Não são comuns acontecimentos desta ordem, nem frequentes mobilizações de tamanha envergadura moral. Por isso mesmo, a Legião da Boa Vontade encerra um sentido que precisamos exaltar. Dá ela uma prova de como é vasto o campo aberto à ação dos homens de Boa Vontade e de como é fácil reunir, em torno a um princípio comum a todas as religiões e a todas as concepções filosóficas, a numerosa Legião dos que desejam praticar o bem.⁶⁴

Na capital brasileira, a instituição construiu o Templo da Boa Vontade (TBV), em 21 de outubro de 1989, e o Parlamento Mundial da Fraternidade Ecumênica, o ParlaMundi, em 25 de dezembro de 1994. Nesse segundo espaço, realizou, entre 18 e 21 de outubro de 2000, o Fórum Mundial Espírito e Ciência, com o objetivo de “promover o intercâmbio entre o conhecimento científico e as várias tradições religiosas e espiritualistas sobre o Espírito do ser humano e estruturar novos paradigmas para o desenvolvimento sustentado de uma sociedade fraterna, solidária e equânime, a partir de uma perspectiva espiritual e ecológica que garanta a Paz Mundial”⁶⁵.

Este trabalho tem sido desenvolvido desde então por meio de eventos, *sites*⁶⁶, programas de rádio e televisão, canal no *YouTube*⁶⁷, entre outros meios.

6. Considerações finais

O campo de investigação é vasto e profícuo para a ampliação do saber em torno das perspectivas históricas do intercâmbio entre ciência e religião. Muitos temas merecem ainda a atenção de pesquisadores interessados e cada pesquisa realizada oferece mais domínio da complexidade envolvendo o intercâmbio entre ciência e religião. Nossos votos são pela ampliação das análises e dos debates, a fim de que alcancemos, a partir de um entendimento abrangente, ferramentas conceituais e práticas para desmistificar o tema, evitando perpetuar um imaginário

⁶⁴ LEGIÃO da Boa Vontade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1950. Primeiro caderno, p. 2. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com>. Acesso em: 15 ago. 2013.

⁶⁵ Revista *Ciência e Fé na trilha do equilíbrio*. 1ª edição. São Paulo: Elevação, outubro 2000, p. 4.

⁶⁶ Disponível em: <http://www.forumespiritoeciencia.org>.

⁶⁷ Disponível em: <http://youtube.com/forumespiritoeciencia>.

de guerra entre os campos — o que não tem encontrado respaldo histórico. Parece haver elementos que caracterizem interações que visem a um intercâmbio produtivo entre os agentes sociais, respeitando a autonomia de cada área. E as experiências brasileiras podem contribuir com suas particularidades.

Em meio a um grave cenário atual de tanta informação falsa, de questionamentos da validade da ciência e do papel da religião — o que não é novo nem desconhecido das eras humanas —, infelizmente temos visto o quanto retrocedemos em termos de diálogo, ficando reféns de polarizações que contaminam a opinião pública. A dicotomia reducionista poderia ser substituída pela cooperação mútua, pois haveria vários motivos para dialogar face aos enormes desafios mundiais. Não poderia encerrar esse artigo sem aproveitar o ensejo para clamar por sabedoria para atravessar não só a pandemia do novo coronavírus, mas também essa falta de disposição para simplesmente agirmos como seres humanos preocupados com o nosso semelhante e com o nosso planeta. Talvez, assim, possamos vislumbrar a construção de um futuro melhor, a passos árduos, com mais amor, altruísmo e solidariedade — sentimentos pragmáticos que ainda não progrediram no mesmo passo dos avanços tecnológico-científicos; ainda assim, não devemos perder a esperança de que isso ocorra o quanto antes, pelo bem da humanidade e pela sobrevivência dos povos; pelo bem da ciência e pelo bem da religião. Enfim, pelo progresso de todos.